

TOMO XXIII — No. 1

Janeiro de 1982

BLUMENAU

em **CADERNOS**

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Janeiro de 1982

Nº 1

SUMÁRIO

	Página
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	2
ACONTECEU... — Novembro e Dezembro de 1981	5
ADMINISTRAÇÃO DE PE. LUX (1905 - 1919)	9
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	14
VOCÊ SABIA?...	24
NOSSOS IMORTAIS CATARINENSES	25
RODOVIA ENG. EMILIO ODEBRECHT	26
CONCURSO É BEM RECEBIDO	27
NOSSOS CORAIS - ONTEM E HOJE (IV)	28
CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — IX	31
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

Urw n° 77 de 24.3.09 — Sociedade de Ginástica de Blumenau

Domingo, dia 21 de março a Sociedade de Ginástica deu uma representação de exercícios de ginástica em aparelhos e exercício sueco no salão Holetz, que estava completamente lotado. Todos os números apresentados pelos atletas foram muito bem executados e muito aplaudidos merecendo especialmente calorosos aplausos e elogios do comandante Crispim Ferreira e sua oficialidade que assistiram com muito interesse e satisfação a apresentação dos ginastas blumenauenses, cumprimentando-os pessoalmente após o festival.

No mesmo jornal: — VAPOR "RICHARD PAUL". O vapor "Richard Paul" mandado construir na Alemanha pelo senhor Richard Paul e destinado à navegação fluvial no rio Itajaí-Açu, deixou o porto de Cuxhaven na Alemanha no dia 20 de fevereiro e chegou ao porto de Darthmouth (Inglaterra) no dia 24 onde ficará a espera do iate do presidente do Uruguai, para atravessar em companhia desta embarcação o Oceano Atlântico. Viaja com força própria a vapor e vem direto para o porto de Itajaí. No dia 14 de fevereiro, deixou os estaleiros de Kiel (Alemanha) onde fora construído e ao sair do porto, sob bandeira brasileira, despediu-se das belonaves alemãs ali ancoradas, que saudaram o vaporzinho, desejando-lhe uma boa viagem.

Urw. N° 78 de 27.3.1909 — Visita da Marinha Brasileira

Quarta-feira, 24 de março aportaram em Itajaí, os navios da marinha brasileira, cruzadores "República" e "Tiradentes" aos quais juntou-se ainda dia seguinte o contra-torpedeiro "Tupy" em viagem de rotina. Ao que consta é a primeira vez que navios de guerra brasileiros, desse calado, entram no porto de Itajaí, o que demonstra que também navios de grande porte podem aportar, sem perigo e transpor a barra do Itajaí. O "República" tem um calado de 18 pés e o "Tiradentes" de 14 pés. O "Tupy" é de menor calado, mas tem um comprimento de 39 metros. A tripulação do "República" compõe-se de 250 e a do "Tiradentes" de 150 homens. Quarta-feira correu a notícia que oficiais destas duas belonaves viriam fazer uma visita a Blumenau e quinta-feira, dia 25 de março, pelas 14 horas os visitantes chegaram com o vapor "Progresso".

Vieram o capitão de fragata, Castelo Branco, comandante do "República", o capitão de corveta, Jorge Fonseca, comandante do "Ti-

radentes" e 10 oficiais, entre estes também um de nome alemão, o tenente Pinzenhauer. O comandante da esquadra, capitão de mar e guerra, Batista Franco, ficara em Itajaí. Uma comissão de senhores de Itajaí, entre os quais se achavam o deputado Luiz Abry e Adolfo Konder, acompanhava os ilustres visitantes.

No cais compacta massa de populares e autoridades locais aguardavam a chegada dos visitantes. Logo que foi avistado o vapor, centenas de foguetes subiram ao céu espoucando nos ares. Ao atracar o vapor no cais, o senhor Margarida cumprimentou os marujos dando vivas à marinha brasileira, no que foi acompanhado com entusiasmo pela multidão, enquanto que a banda de música entoava o hino nacional. A seguir os oficiais foram conduzidos ao Hotel Holetz, onde lhes foi oferecido um almoço, tendo o capitão de fragata, Castello Branco, agradecido em eloqüentes palavras a recepção que lhes fora feita. Após o almoço os visitantes foram de carro de mola até Itoupava-Seca. À noite realizou-se, em sua homenagem, um animado baile no salão do Teatro Frohsinn. Todos os oficiais lamentaram de não poder ficar por mais tempo em Blumenau, pois já na sexta-feira cedo retornaram a Itajaí, de onde a viagem seguiria para Paranaguá, a fim de receber o Presidente da República, que havia inaugurado o trecho Bauru-Itararé da Estrada de Ferro da Sorocaba e dali fora a Curitiba, retornando, por via marítima, a bordo do navio de guerra, ao Rio de Janeiro.

Urw. N° 88 de 1.5.09

Chegada do 55° Batalhão de Caçadores a Blumenau

Quinta-feira, 29 de abril, toda a cidade de Blumenau achava-se festivamente enfeitada, com palmitos, ramalhetes de flores e bandeirolas, para a recepção do 55° Batalhão de Caçadores, cuja chegada sofrera um atraso de alguns dias, pois o vapor que os conduzia do Rio de Janeiro com destino a Itajaí, sofreu uma avaria, obrigando-o a aportar em São Francisco do Sul, para reparos.

As ruas de Blumenau, e principalmente a rua 15 de Novembro, com seus palmitos e bambus atados com grinaldas e três arcos de triunfo, ostentavam faixas saudando os militares. A população que desde meio dia enchia a rua principal aguardava pacientemente a chegada do batalhão. Este somente embarcara em Itajaí pelas 2:30 horas da tarde, em 2 vapores e uma lancha da Companhia Fluvial. Anoteceu e a rua principal da cidade e muitas casas particulares no trecho que deveria ser percorrido pelo batalhão, foram festivamente iluminadas, notadamente o jardim público, o edifício da Câmara, ponte do ribeirão Garcia e a fábrica de fósforo do senhor Frederico Guilherme Busch. Pelas 8 horas da noite despontava o vapor "Blumenau" na últi-

ma curva do rio Itajaí antes do porto e logo começou o espoucar dos foguetes, apinhando-se o povo no cais e imediações, tendo o senhor Busch, com um possante holofote iluminado o vapor, o cais, percorrendo com o feixe de luz toda a redondeza, projetando ainda os raios de luz às nuvens do céu. As autoridades locais aguardavam no cais a aproximação do vapor. Ao atracar o "Blumenau", o Superintendente levantou um viva ao exército brasileiro, no que foi acompanhado pela compacta massa dos blumenauenses que agitavam lenços e chapéus. A banda de música Werner executou o hino nacional, tendo a banda militar, de bordo do vapor correspondido com os acordes do hino prussiano. Após a tropa ter entrado em forma, marchou, puxado pela banda do batalhão, e acompanhada por incalculável massa popular, até em frente à Prefeitura, onde, da escadaria do prédio, o Juiz de Direito, Dr. Ayres Gama, num brilhante discurso, no qual enalteceu o valor e a disciplina do soldado brasileiro, saudou o batalhão em nome da população e do Superintendente. O Tenente Coronel Crispim Ferreira, agradeceu em breves e eloquentes palavras pela recepção que lhes foi feita, mandando, em saudação à cidade, desfraldar a bandeira do batalhão, ato este que foi correspondido pelos presentes com prolongada salva de palmas, tendo a banda de música entoado o hino nacional que foi ouvido no maior silêncio e atitude de respeito. A seguir os soldados se dirigiram em marcha até a atual rua Ângelo Dias, onde se alojaram no edifício do Sr. Lenzi, destinado como quartel provisório e em várias casas reservadas para alojamentos, recolhendo aí suas armas e bagagens. Entrementes, já pelas 9 horas da noite, chegou também o vapor "Progresso" e a lancha por ele rebocada, com o resto da tropa, a qual também foi festivamente recebida pela população que acorreu ao cais e sob os acordes da banda de música "Werner" o segundo pelotão foi conduzido em préstito ao local do alojamento. A municipalidade havia providenciado uma farta janta para os soldados no Hotel Holetz, tendo sido servido a janta dos soldados no vasto salão, enquanto que aos oficiais e suas famílias a janta foi servida na sala de jantar do Hotel. Muitos subalternos também vieram com suas famílias. A tropa consistiu de 131 soldados e graduados, inclusive 30 músicos, além de 10 oficiais. Já nos dias seguintes o movimento nas ruas da cidade mostrava-se com aspecto diferente pelo número de soldados que nelas se movimentavam.

ACONTECEU... --- Novembro e Dezembro de 1981

NOVEMBRO

— DIA 3 — Na Galeria Municipal de Artes foi instalada a VIII Mostra de Artes da Escolinha de Artes de Blumenau, mantida pela SEC.

— DIA 3 — No 23º Batalhão de Infantaria realizou-se a solenidade de abertura da Segunda Olimpíada dos Núcleos Preparatórios de Oficiais da Reserva — NPOR — cuja competição prosseguiu até o dia 7.

— DIA 6 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se o Coral Villa Ballester, de Buenos Aires, cujo espetáculo se repetiu no dia seguinte no Centro Cultural 25 de Julho.

— DIA 8 — Na sede da Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte realizou-se o campeonato Catarinense de Skat, cujo encerramento, naquele dia, apresentou os seguintes resultados:

Equipe campeã — S.E.C.T. Itoupava Norte, com 7.057 pontos.

Equipe vice-campeã — Pomerode B, com 21.922 pontos.

Terceiro colocado, o Vasto Verde, com 20.909 pontos.

Na classificação individual, registrou-se o seguinte:

Campeão, Leopoldo Emke, com 7.057 pontos.

Vice-campeão, Norberto Puff, com 6.870 pontos.

Terceiro lugar, Mário Grahl, com 6.500 pontos.

— DIA 9 — Foi realizada a solenidade de abertura de exposição de gravura e escultura de Haroldo Basso, na Galeria Municipal de Artes, às 20 horas, como parte integrante do Projeto Arco-Íris-INAP-FUNART e em conjunto com o Departamento de Cultura da SEC.

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes realizou-se o Recital de Piano com Donata Madjeska Lange.

— DIA 13 — Relatório apresentado ao prefeito Renato Vianna pelo Secretário de Saúde e Bem Estar Social, revelou que em outubro, o atendimento médico dos ambulatórios foi de 14.478 pessoas e a distribuição de 14 mil medicamentos. O setor de Odontologia Sanitária atendeu 1.102 pessoas, além de três mil intervenções de natureza diversa. Na área de Odonto Preventiva, 9.979 alunos da rede municipal de ensino fizeram bochechos com fluor.

— DIA 14 — Em solenidade presidida pelo prefeito Renato Vianna, foi inaugurada, em Itoupava Norte, à rua São Bernardo, a Escola Básica Municipal "Profª. Adelaide Starke", cujo ato ocorreu às 17

horas, seguindo-se festejos populares organizados pelos membros da Associação de Pais e Professores daquele novel educandário que veio enriquecer a rede municipal de ensino e que tem na sua direção o professor de nível universitário Anselmo Antônio Hillestein. O prédio edificado em alvenaria tem 500m². e seu custo totalizou 7 milhões de cruzeiros, dos quais a Secretaria de Educação do Governo do Estado participou com 1.500 milhões de cruzeiros.

— DIA 15 — A Secretaria de Saúde e Bem Estar Social reuniu, neste dia, seiscentas senhoras que compõem os 35 Clubes de Mães dos diversos Centros Sociais mantidos pela Prefeitura, prestando-lhes homenagem através de um almoço fraterno, além de Missa Festiva, sorteio de brindes, etc.. A homenagem foi como prova de reconhecimento pela colaboração prestada por estas senhoras aos serviços sociais do Município.

— DIA 18 — Pelo prefeito Renato Vianna foi encaminhado à Câmara de Vereadores projeto de lei que visa conceder isenção de imposto predial às casas típicas já existentes no município, área urbana, em estilo "enxaimel".

— DIA 20 — Foi lançado oficialmente, na sede do Centro Cultural 25 de Julho, o L.P. gravado pelo Coral Misto daquela agremiação, intitulado SERVIR COM ALEGRIA (Mit Freude Dienen), cantado em língua alemã, contendo canções tradicionais natalinas e canções inéditas do maestro José Acácio Santana, de Florianópolis. O conjunto instrumental foi o do C. C. 25 de Julho, regido por Manfredo Bubeck.

— DIA 27 — A Secretaria de Agricultura da Prefeitura, através de seu titular o agrônomo Renato Beduschi, entregou ao prefeito Renato Vianna o relatório de outubro, das atividades daquela Secretaria, cuja equipe, segundo o mesmo, vacinou 1.669 animais contra diversas doenças, como brucelose, raiva e febre aftosa, em 822 propriedades rurais. O Serviço de Inseminação Artificial fertilizou 162 matrizes. O Horto Florestal distribuiu gratuitamente 3.679 mudas de árvores para arborização de passeios e reflorestamento. A Patrulha Mecanizada de micro-tratores, operou em 159 propriedades durante 624 horas. Os dois tratores esteira trabalharam 239 horas, atendendo 15 propriedades localizadas em Itoupava Central, Fidelis e Teste Salto.

— DIA 28 — Um forte vendaval de cerca de cem quilômetros por hora, atingiu uma faixa do município de Gaspar, arrazando dezenas de casas. O prefeito do município decretou estado de calamidade pública.

DEZEMBRO

— DIA 1º — Realizou-se a solenidade de abertura da Exposição de Pintura em Porcelana, das alunas das Professoras Heidi Lia Rosa e Liana Jung, cujo acontecimento registrou-se na Galeria Municipal de Artes.

— DIA 2 — Foi aberta, na sede do SESI de Blumenau, importante exposição de trabalhos executados por 830 alunas dos cursos de bordado, tricô, crochê, pintura em tecido, corte e costura, flores artificiais e educação alimentar. O número de trabalhos apresentados ultrapassou a dois mil.

— DIA 6 — No Centro Cultural 25 de Julho realizou-se a Assembléia Geral Ordinária da Liga de Corais do Vale do Itajaí, para eleição da nova diretoria.

— DIA 8 — Relatório da Assessoria Especial do Meio Ambiente, informou que realizou em 1981, até esta data (8.12.81), 538 palestras em escolas municipais, estaduais e particulares, clubes de serviço e fundações, atingindo um total de 44.079 pessoas. As palestras versaram sobre o tema Ecologia, como Meio Ambiente, Fatores Ecológicos, Poluição de água, de ar, etc., desmatamento, erosão, queimadas e caça.

— DIA 8 — No Teatro Carlos Gomes foi aberta, às 20,30 horas, exposição de metais gravados, do artista Guido Heuer, ocorrendo ainda o lançamento de obras recentes do autor Péricles Prade.

— DIA 9 — Pela Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau foi iniciada, neste dia, a distribuição gratuita de onze mil mudas de árvores produzidas no Horto Florestal do município, destinadas a reflorestar pequenas e médias propriedades agrícolas disseminadas pelo interior do município.

— DIA 9 — Neste dia ficou concluída, no bairro Garcia, em terrenos do Centro Social Urbano ali mantido pelo Governo do Estado, a construção de uma creche que deverá abrigar noventa crianças. A área ocupada com a construção possui 478 metros quadrados e seu custo total foi de Cr\$ 6.588.000,00.

— DIA 12 — O prefeito Renato Vianna parainfou, neste dia, em Timbó e Rodeio, respectivamente, as turmas de contadorandos do Colégio Comercial "Dr. Leoberto Leal", composta de 114 alunos e de Técnico em Contabilidade, Magistério de Administração de Empresas, 2º Grau, num total de 80 alunos, no Colégio "Madre Avosani".

— DIA 16 — Foi assinado, no gabinete do prefeito Renato Vianna, o termo de comodato em que a Prefeitura doou à Comunidade

Kolping do Garcia, uma área de terras de 2.353m²., situada à rua Antônio Zendron, Garcia, para ali ser edificado um prédio de dois pavimentos, de 2.000m². de área, destinado a abrigar as obras sociais que corresponde à finalidade da Comunidade Kolping.

— DIA 16 — Foi formalizada pelo prefeito Renato Vianna a doação de um terreno de 1.433m². localizado no bairro de Itoupava Norte, para ali ser edificada a sede social da Associação dos Músicos Profissionais do Vale do Itajaí. A transferência foi feita pelo sistema de Comodato.

— DIA 18 — Perante numeroso público que prestigiou o acontecimento, a Fundação “Casa Dr. Blumenau” promoveu o lançamento com noite de autógrafos, do livro do escritor Nemésio Heusi “História Romanceada de Blumenau e do Seu Fundador”, tendo por local a Biblioteca Pública “Dr. Fritz Mueller”. O acontecimento foi marcado com um coquetel e contou inclusive com a presença do autor, assim como figuras expressivas dos meios culturais e literários da região. Na abertura da solenidade falou o diretor executivo da instituição, jornalista e escritor José Gonçalves, seguindo-se as palavras dos srs. Nestor Heusi e por fim a do autor Nemésio Heusi. Durante a agradável reunião foram vendidos e autografados mais de uma centena de livros.

— DIA 25 — Informações prestadas pelo Juiz de Direito José Roberge, no Forum de Blumenau, adiantaram que mais de cinco mil processos foram julgados e mais de cinco mil pessoas foram ouvidas em 1981 no Forum da Comarca de Blumenau.

— DIA 30 — Relatório apresentado pelo Departamento de Saúde da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura de Blumenau ao prefeito Renato Vianna, informa que, durante 1981, 12.293 famílias foram auxiliadas, pelo citado Departamento. Os dados estatísticos do relatório indicaram que 131.370 pessoas foram atendidas com a Medicina Comunitária e, por outro lado, 78.897 pessoas foram atendidas pelo serviço de Odontologia Sanitária. A Medicina Comunitária compreende fornecimento de Curativos, injeções, assistência à gestante, ao infante, ao escolar e ao adulto, medicamentos, educação sanitária, tomadas de pressão arterial, de temperaturas, visitas domiciliares, consultas médicas, casos de escabiosa tratados, tratamento de pediculose e outras doenças infecciosas. Além disso, a Secretaria de Saúde e do Bem Estar manteve ainda, 30 Clubes de Mães, 31 Clubes de Adolescentes e realizou 107 cursos femininos para 1.182 participantes e 14 cursos masculinos, com 142 participantes. Nas 13 creches mantidas pelo Serviço Municipal, foram atendidas 817 crianças e um total de 1.439 crianças receberam recreação infantil no decorrer de 1981.

V — VALATA AZAMBUJA

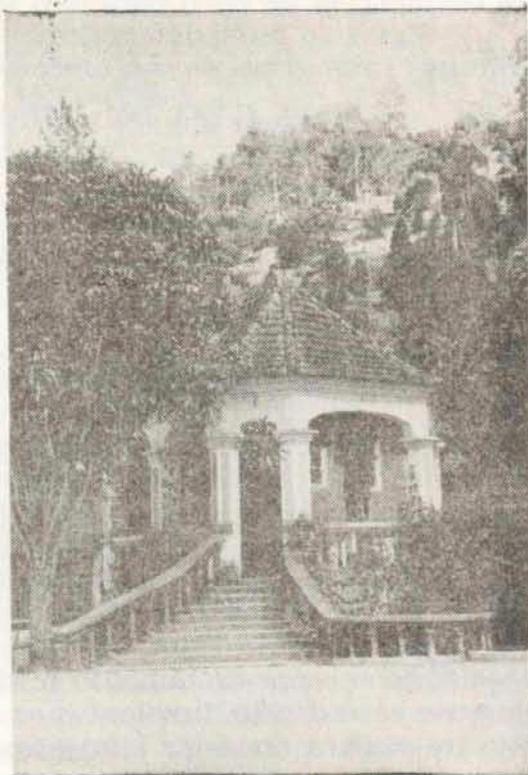
Administração de Pe. Lux (1905 - 1919)

Depois da visita do Sr. Bispo de Curitiba, D. Duarte Leopoldo e Silva, aos 21 de agosto de 1905, a Capela da Valata Azambuja foi elevada a dignidade de Santuário Episcopal e nomeado o Pe. Gabriel Lux SCJ para ocupar o cargo de "Fabriqueiro Administrador". Pe. Lux encontrou o Santuário em grande penúria, tendo o hospital atendido a 13 doentes apenas. Mas sua residência aí iria consolidar o projeto anterior de fazer do lugar um centro de caridade e de cultura. Seu espírito era de um empreendedor, obstinado nas iniciativas que sempre lograriam êxito. Ele sabia que seu trabalho iria beneficiar sua gente de origem e por ela não media esforços na sua pastoral.

Aos 21 de novembro de 1905, o Exmo. Sr. Governador Vidal Ramos visitou a Valata Azambuja e doou Rs. 50\$000 para a manutenção dos 60 doentes da instituição. Nascia dessa visita, e em consequência das doações futuras, o compromisso de Azambuja receber doentes por parte do Estado de Santa Catarina. Pois a Vila de Brusque não dispunha ainda de qualquer instituição hospitalar e mesmo os atendimentos médicos eram interrompidos, frequentemente, pela falta de contratos por parte do Estado que tinha a obrigação de prestar este serviço. A medicina, praticamente, estava nas mãos do Estado.

Dois anos depois, foi a vez da visita do Governador Cel. Gustavo Richard, no dia 21 de setembro de 1907, enquanto procurava apoio do interior para sua governança. Ele colocou a pedra fundamental do novo hospital e "prometeu o seu inteiro e poderoso auxílio para a conclusão de tão importante obra", pois:

"Só uma coisa é de lastimar: que a administração não dispõe dos meios necessários para poder fazer todo o bem que deseja fazer. Por isso, é que muitas vezes se acha na dura necessidade de recusar



Gruta de Azambuja, 1980.
Junto a esta fonte natural, nasceu a comunidade italiana.

doentes pobres que pedem de serem admitidos. Mas apesar de seu mau estado financeiro e das dificuldades com que luta, o Hospital de Azambuja e sobretudo o Asilo sempre hospeda grande número de pessoas indigentes, contando com o auxílio de Deus e a caridade nunca desmentida do povo para não ter de fechar suas portas" (1).

Reverendo os dados podemos dizer que o movimento hospitalar durante 1907 fornece o seguinte quadro:

SANTA CASA DE MISERICORDIA (1907 a 1910)

Itens	Ano	1907	1908	1909	1910
Internados no ano anterior		51	48	—	42
Entraram durante o ano		198	300	—	288
TOTAL		249	348	361	330
FALECERAM		8	13	—	17

Observe-se que dos 249 internados em 1907, 26 deles eram evangélicos. A Santa Casa jamais olhou o credo dos pacientes, embora tivesse preferência pelos católicos, pois assim podia lhes ministrar os sacramentos e a religião. Entretanto, na Colônia Brusque sempre houve uma separação entre os credos, particularmente quando esta tivesse relação com a assistência social.

Vejam agora, tomando estes dados, a procedência dos doentes para avaliarmos a extensão territorial atendida pela Santa Casa. Os números evidenciam, de fato, a carência de hospitais, — nós traduziríamos por tratamento médico, que era tão escasso na passagem do século. São frequentes as Campanhas da região do Vale do Rio Itajaí para angariar alimentos, roupa, dinheiro, em prol destes necessitados.

SANTA CASA DER MISERICORDIA (1907-1910)

Município	1907	1908	1910
Brusque	186	249	282
Nova Trento	33	8	19
Blumenau	8	7	6
Joinville	4	0	0
Itajaí	8	0	3
Camboriú	1	0	0
Tijucas	8	8	6
Florianópolis	0	5	5
São José	0	1	0
São Miguel	0	2	0
Laguna	0	0	1
São Francisco	0	0	1
São Paulo	0	0	1
Rio de Janeiro	0	0	1
Outro Estado	1	0	0
TOTAL	249	348	330

A leitura deste quadro nos questiona: 1) por que a Santa Casa atendia a todas estas localidades? 2) quem divulgava o seu nome? 3) que recursos tinham seus pacientes? A falta de atendimento médico e farmacêutico nesses locais levou os párocos mais sensíveis à pastoral da saúde dos pobres e humildes a incentivarem a criação de "Associações de Caridade". Tinham a finalidade de angariar donativos para a manutenção do hospital. Ficou famosa, na época, a "Associação das Damas de Caridade" de Itajaí, que dispunha de recursos materiais e prestava serviços. Aliou-se ainda o fato de ser a Valata consagrada à Virgem Maria, a quem os generosos devotavam a proteção familiar contra os males corporais. O litoral catarinense tem viva a imagem de Maria como proteção e amparo. Quando a doença não cura por si, remédios não há, o jeito é recorrer a Azambuja para rezar à Santa pedindo sua graça. Esta fama foi longe, de boca em boca, nos peregrinos da então grandiosa festa de maio. A festa de agosto sobrepujou aquela, em tamanho, somente depois de 1950, com o dogma e a construção do Morro do Rosário.

Para fazer frente as despesas de tratamento, praticamente o doente nada pagava, Pe. Lux contou com o auxílio de várias fontes (2) cujos dados montamos a seguir:

SUBSÍDIOS PARA SANTA CASA DER MISERICORDIA — 1907

Subsídio do Estado	Rs.	1:000\$000
Subsídio do Mun. de Brusque	Rs.	600\$000
Subsídio do Mun. de Itajaí	Rs.	100\$000
Esmolas do Santuário de Azambuja	Rs.	6:430\$000
Rendas do Hospital	Rs.	1:200\$000
Auxílio da Fábrica Renaux	Rs.	1:500\$000
<hr/>		
ENTRADAS TOTAL	Rs.	10:830\$000
DESPESAS TOTAL	Rs.	11:230\$000
DÉBITO ANUAL 1907	Rs.	1:600\$000

No item "esmolos ao Santuário de Azambuja", estão incluídas as rendas das festas. Iniciava-se uma tradição que muito beneficiaria, financeiramente, as obras da Valata Azambuja. Já os "auxílios da Fábrica Renaux" se davam por parte do Cônsul, benemérito do lugar a quem Azambuja não pode esquecer. A fábrica tratava aí seus operários adoentados e mais tarde contrataria um médico próprio, aumentando ainda mais os laços com Azambuja.

Deve-se dizer ainda que "o Hospital tem dívidas acumuladas que sobem a mais de 6 contos de réis", investidos em construções, desde a sua origem. Havia no ar a promessa de novas doações, cavadas habilmente pelo administrador. É costume dizer desde a origem que a Valata Azambuja desenvolveu-se porque colocava, de constante, a situação dos miseráveis pobres nas mãos da Virgem Maria. Mas a

verdade é que Pe. Lux administrava com muito realismo a complexa obra que, muitas vezes, dependia das rendas das festas. Ele chegava inclusive a controlar o trabalho dos empregados. Quando estes faziam "corpo mole", ele dava um jeito de paralisar os trabalhos de construção, alegando falta de verbas. E dias depois, reiniciava-os, contratando somente os melhores empregados que conhecia. Foram muitos os descendentes de italianos de Nova Trento que por aí passavam.

Autorizado por D. João Becker, em 1909, Pe. Lux assinou contrato com o Governo Estadual para fundar e manter um Hospício de Alienados Mentais, sitiado nos terrenos do Santuário. O Estado doou a soma de 25 contos de réis, com a condição de tratar, gratuitamente, 6 doentes mentais pobres, enviados pelo Governo, durante os 10 primeiros anos.

No ano seguinte, 1910, o Hospício de Alienados Mentais ficou pronto e os pacientes chegaram no ano seguinte. "Ainda que não pudessem receber um tratamento médico adequado devido ao atraso ainda existente na medicina especialista, os pobres loucos eram tratados com toda a caridade pelas bondosas Irmãs e tinham pelo menos o conforto de que não podiam usufruir nem no seio de suas famílias" (3). Igualmente o prédio favorecia o tratamento psiquiátrico, inclusive com águas servidas. Algumas fotografias dessa época mostram a atenção dos orientadores para os pacientes, de modo impressionante.

O Hospício de Alienados Mentais era uma espécie de Clínica Psiquiátrica para pessoas que sofriam de estímulos nervosos. Foi a primeira experiência do gênero em nossa província. E, em 1942, o Governo resolveu criar a "Colônia Santana" para formação de um núcleo estadual de tratamento de doentes mentais. Azambuja, então, já não poderia oferecer melhores atendimentos devido aos custos dessa medida específica. Os doentes mentais de Azambuja e os de Joinville foram, pois, transferidos para São José. Entretanto, Azambuja tentou buscar condições condizentes ao tempo de então, quando o índice de alienados era alto. Os administradores encomendaram, em 1934, nova planta estrutural que somente não resultou em construção devido a falta de pulso de um administrador. A obra deveria situar-se na Chácara Santa Terezinha, de propriedade da Mitra. Tudo o que se pensava, na época, era concretizar o sonho do Sr. Arcebispo de manter o Seminário Episcopal. Por outro lado, a instabilidade política local, o fato da cidade não possuir ainda um hospital e estar dividindo o prédio com o Seminário, levou o Governo a acalmar os ânimos não financiando a obra. Fracasso que dependeu, pois, do Conselho Municipal. Ao final da década, seria definida uma política de saúde pública e a Clínica Psiquiátrica, fechada. Para Azambuja, diante das novas perspectivas de desenvolvimento — Santuário e Seminário — foi a melhor coisa que aconteceu. Uma preocupação a menos.

As crônicas narram ainda, para 1917, a construção e inaugura-

ção pelo Pe. Lux do Edifício do Asilo de Idosos que recolhia a maioria deles sem qualquer condição financeira.

Os que dispunham de saúde e força passavam a ajudar no Hospital, na cozinha, nos jardins, nas hortas, no Seminário... São exemplos desses trabalhos D. Rosinha (agora no Asilo), D. Maria e D. Data (agora na cozinha do Seminário), D. Maria Anca (agora nos jardins do Santuário) e de tantas outras pessoas. E não eram poucas as idosas, quase entevadas, que passavam o dia com as contas do rosário entre os dedos...

Este edifício funcionou até 1936 quando foi transformado em Salão de teatro para uso do Seminário. Dois anos após, o novo prédio passou a acomodar a família de idosos, bem ao lado do magestoso Hospital Arquidiocesano — recém-inaugurado pelo bispo D. Jaime de Barros Câmara, ex-reitor do Seminário. Em fins de 1978, o prédio foi destruído para dar lugar a uma ala geriátrica do Hospital. Hoje ainda estão aí a lavanderia do hospital e o Asilo. Atrás do Asilo de Idosos, foi construído o prédio do Isolamento para tratamento de doentes com moléstias contagiosas.

Seguem-se anos de relativa estagnação com a saída de Pe. Gabriel Lux da administração de Azambuja. A Valata entra em período obscuro que fragmentará as instituições de caridade, culminando com a vinda do Seminário Diocesano para junto do Hospital por ordem do Sr. Arcebispo. Mas o panorama da guerra modificará o clima moral e a política de nacionalização empreendida afetará diretamente Azambuja. Cogita-se inclusive de dar os cargos paroquiais a padres brasileiros e a rivalidade atinge os meios eclesiásticos. Foi com tal desgosto que Pe. Lux deixou a Valata para trabalhar ainda em outras comunidades de origem. Ele é investido em vários cargos, nos anos seguintes, todos levados com sucesso como é exemplo seu a construção do Seminário do Sagrado Coração de Jesus, em Corupá.

A história da Santa Casa é feita de amor fraterno e serviço das Irmãs da Divina Providência e do espírito empreendedor de Pe. Lux, a quem Azambuja guarda sua memória através da "Escola Básica Pe. Lux".

Prof. Aloisius Carlos Lauth
MEC — 209/80 SC

NOTAS

1. De uma correspondência ao "Novidades" — Itajaí, 19.10.1921
2. "II Santuário e l'ospedale di Azambuja", artigo anônimo publicado no periódico "L'Amico" nº 32, de Rodeio.
3. SCHMIDT, Wilson Laus. **Azambuja**, in Album do Centenário, SAB, Brusque, 1960, p. 281.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

O Dr. Blumenau não desconhecia que todas as dificuldades que estava encontrando em sua pátria, sobre a emigração alemã para o Brasil, eram sem dúvidas devido ao arraigado espirito de Bismarck, que começava então a imperar em toda a Prússia, desde que se tornara o Ministro do Rei Guilherme I, em 1862, um dos fundadores da unidade alemã. Conquistou a Dinamarca, o Slesvig e o Holstein e deu a Prússia, pela vitória de Sodowa, o lugar preponderante até então ocupado pela Austria.

Os governos alemães, sob a influência do chanceler Príncipe de Bismarck e seus sucessores, viam na emigração de rumo diferente, um mal considerável, pois reputavam como filhos perdidos os que seguiam outros destinos e com os quais o Império não podia se conformar, uma vez que não queria entrar em conflito com outros países. No entender de Bismarck, a emigração equivalia mesmo a uma traição a pátria.

Eis como ele se expressou, em resposta a uma petição dirigida ao Reichstag pelos alemães domiciliados no Rio Grande do Sul, no sentido de ser concluído o tratado consular com o Brasil e ser anulada a portaria de von der Heydt: "Não tendo curiosidade alguma em saber como vai passando gente que sacudiu de si o pó de sua pátria".

Bismarck não escondia o seu pensamento contrário à emigração e por muitas vezes comentava: "O alemão que abandona a sua pátria, como quem se desfaz de um casaco velho, deixa de ser um alemão para mim; não mais nos interessa como compatriota".

O Dr. Blumenau não quer, de maneira alguma, reconhecer "o bem intencionado desígnio" que orientou os governantes alemães, quando da aprovação de dispositivos que restringiram a emigração.

O fato é que a única missão diplomática confiada ao Dr. Blumenau não satisfaz quanto aos respectivos resultados.

Entretanto, não perdeu ele a confiança no Governo Imperial, de vez que ela provinha da sua aptidão e habilidade de homem prático. Daí por que lhe foram conferidas, posteriormente, as comendas da Ordem da Rosa e da Ordem de Cristo. Duas altas distinções honoríficas com que eram galardoados os assinalados serviços por ele prestados à sua segunda Pátria.

O ano de 1867, cheio de fatos notáveis, trouxe-lhe ainda outra prova de reconhecimento. O juri da Grande Exposição Internacional de Paris, concedeu-lhe, pelo seu ótimo sistema de colonização, um dos

dez grandes prêmios, constante de uma medalha de ouro e da importância de 10.000 francos.

No respectivo diploma foi posto em destaque que a sua Colônia se distinguia pela imigração voluntária, pela agricultura e pela laboriosidade de seus habitantes.

O Dr. Blumenau via essa distinção como um raio de luz a iluminar-lhe a existência e um salutar estímulo.

Doou a medalha ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e aplicou o dinheiro do prêmio na construção de escolas.

III

Dois anos depois do intenso trabalho diplomático na Alemanha, o Dr. Blumenau, finalmente, ia cumprir uma outra missão. Esta, porém, de ordem sentimental. Eis que, em 21 de março de 1867, na cidade de Hamburgo, casa-se com Bertha Louise Repsold, filha de Georg Repsold, diretor de uma fábrica de instrumentos astronômicos.

Um ano depois, nascia-lhe o primogênito, na mesma cidade onde casara.

No momento da escolha do nome, sua esposa queria que o filho recebesse o nome do pai, mas o Dr. Blumenau, carinhosamente, discordou, comentando:

— Bem sei que me é muito grato, Bertha, querer você que o nosso primeiro filho tenha o meu nome. Isto até me envaidece e eu, de coração, te agradeço. Mas por um dever de gratidão para com o Imperador brasileiro Dom Pedro II, que sempre me honrou com a sua amizade e sempre me apoiou, eu gostaria de lhe prestar uma homenagem, dando ao nosso filho o nome de Pedro.

— Querido, nada mais justo. Eu concordo plenamente contigo. E sorrindo, concluiu: o chamaremos então de Pedro Hermann Blumenau.

— Bertha, quando nos casamos, eu já com 48 anos e tu mais moça do que eu 14 anos, encantei-me com a tua beleza e o teu porte elegante de mulher. Durante os meses que precederam ao nosso casamento, que foram poucos, eu me apaixonei, de fato, por ti, pela tua inteligência e cultura, que tanto me encantaram, culminando agora com o nascimento do nosso primeiro filho que espero em Deus será o continuador da nossa obra e do nosso nome.

A licença do Dr. Blumenau terminou em 1869. Acompanhando de sua esposa e do filhinho, ele regressou ao Brasil.

Ao desembarcar na Corte, depois de deixar a sua mulher e o filho no hotel, foi logo à procura do seu velho amigo Paul Schroeder.

O encontro dos dois, no escritório de Paul, foi festivo e cordial. E isto porque Paul, por correspondência de seu agente marítimo em Hamburgo já sabia do casamento do Dr. Blumenau naquela cidade, dois anos antes.

Almocaram no hotel em que o Dr. Blumenau estava hospedado. E ao apresentar sua esposa e o filhinho de apenas um ano, disse ao amigo:

— Aqui estão, Paul, minha cara-metade Bertha Louise e o meu herdeiro Pedro Hermann Blumenau!

E Bertha assim se expressou:

— Tenho imenso prazer em conhece-lo, Sr. Paul. Blumenau sempre fala muito do senhor.

— Senhora Bertha...

— Um momento, senhor Paul! Acabamos com essa de senhora, porque é muito cerimonioso, não acha, senhor Paul?

— “Senhor Paul” é também muito cerimonioso, além de me deixar, parece, mais velho.

Todos sorriram. E ela, descontraída, pergunta:

— Como é, Paul, já casou?

— Ainda não tive a sorte de Blumenau, de encontrar uma Bertha em minha vida!

— Muito obrigado, Paul!

— Vocês têm a mesma idade, não Paul?

— Não, não, Bertha — disse o Dr. Blumenau, corrigindo — ele é mais velho do que eu.

Paul deu uma gostosa gargalhada:

— Mas o que é isso, Blumenau! Mais velho apenas um mês. Você é de 26 de dezembro de 1819 e eu de 30 de novembro do mesmo ano. Dando outra gargalhada, Paul concluiu: — Nem um mês, apenas dias, Blumenau, apenas dias...

O Dr. Blumenau, respondeu, convencido:

— Seja como for Paul, você é mais velho do que eu.

— De fato, “bem mais velho”!...

— Mas Paul, como vai a política aqui na Corte?

— Depois da morte do Marquês de Abrantes, há quatro anos não estou mais tão bem informado. Mas sei que, depois de Caxias, o homem forte é o Barão do Rio Branco, Ministro dos Estrangeiros e homem de grande tino e capacidade diplomática.

— Foi dele, Paul, que recebi a honrosa missão que desempenhei recentemente na Alemanha. Fui apresentado a ele pelo Marques de Abrantes, alguns meses antes de sua morte. Aliás, por influência do Marquês é que o Barão do Rio Branco me convidou para ver se conseguia demover o Governo Alemão de anular a célebre portaria de von der Haydt, que tanto mal vem causando à emigração alemã para o Brasil. Porém, pouco consegui.

Foi uma perda lamentável a morte do Marquês de Abrantes, em 1865. Tão logo cheguei em Hamburgo, soube que ele estava muito mal e alguns meses depois o Cônsul Brasileiro me informava da sua morte. Eu perdi um grande amigo!

— Mas tens outros amigos na Corte Blumenau, e o principal deles é o Imperador, que homenageaste condignamente dando ao teu primogênito o seu nome!

— Ele o merece, Paul. É, de fato tenho mais amigos como o

Dr. Egas de Muniz, Taunay e outros. Paul, será difícil conseguir passagens num bom navio para a Colônia?

— Não, parece-me que vou ter um bom vapor dentro de uns cinco dias.

— Pois vê isso Paul, e me reserva as passagens. Amanhã cedo, vou ao Ministério dos Estrangeiros procurar me avistar com o Barão do Rio Branco e entregar-lhe o meu relatório. Em seguida, farei outras visitas e, em três dias, estaremos prontos para viajar, Paul.

IV

As atividades do Barão do Rio Branco frente ao Ministério dos Estrangeiros, eram intensas. Em 1864, num trabalho diplomático notável, negociou, no Uruguai, a adesão do Brasil à guerra contra o Paraguai.

Reassumi a pasta dos Negócios Estrangeiros no Gabinete Itaboraá, em 1868, e no ano seguinte voltou ao Rio da Prata, em nova missão especial, relacionada com o término da guerra do Paraguai.

Quando o Dr. Blumenau entrou no gabinete ministerial, teve uma surpresa agradável, que muito o comoveu. Foi recebido com muita simpatia pelo Barão, que o cumprimentou, dizendo-lhe:

— Meus parabéns, Dr. Blumenau. O seu “Batalhão de Voluntários da Pátria”, todos imigrantes alemães, comandados pelo capitão von Gilsa, pondo à prova esses colonos transformados em oficiais e simples soldados, deram um magnífico exemplo de civismo e amor à pátria que adotaram, Dr. Blumenau. O senhor incutiu em seus valerosos homens um grande amor ao Brasil. Muitos tombaram, lutando, nos campos de batalha. E outros voltaram como verdadeiros heróis da nova Pátria, cobertos de glórias e cônscios do dever cumprido! Quero, pois, cumprimentá-lo, Dr. Blumenau, por tão edificante exemplo de civismo e patriotismo, que os seus patrícios nos deram!

— Senhor Ministro, muito agradeço, em nome dos meus colonos e da minha Colônia, que é uma permanente força econômica e cívica a serviço do Império Brasileiro, que nos acolheu como nossa segunda Pátria. Juramos defendê-la, como a defendemos, na guerra que acabou de enfrentar; nada mais fizemos do que cumprir com o nosso dever.

Aproveito a ocasião para entregar a V. Excia. o relatório da minha recente viagem, para a qual Vossa Excelência me designou, quer na Espanha, na França e Alemanha. Missão que espero haver bem cumprido. Confesso, porém, e lamento que o efeito desejado não tenha sido alcançado. Isto porque, hoje, na Alemanha unificada pelo príncipe de Bismarck, não vê com bons olhos a emigração alemã para qualquer País do mundo.

— Eu sei, Dr. Blumenau! Conheço muito bem o espírito patriótico do extraordinário estadista, o príncipe de Bismarck. Saberemos, porém contornar as dificuldades, Dr. Blumenau. Já estou bem informado por meus embaixadores na França, Espanha e Alemanha, da sua

grande luta nesses países, notadamente em sua pátria. O que o senhor fez, Dr. Blumenau, foi um trabalho diplomático notável. Vamos aguardar pacientemente a colheita de seus frutos.

Estudarei, com todo o carinho e muita atenção, o seu relatório e agradeço, em meu nome e no do Império, tudo o que o senhor fez em prol da nossa imigração, Dr. Blumenau. Quando viaja para sua Colônia?

— Dentro de quatro dias, Senhor Ministro.

— Desejo-lhe uma boa viagem, Dr. Blumenau!

A CHEGADA FESTIVA

O Dr. Blumenau voltou à sua Colônia casado e com um filho, depois de uma ausência de quatro anos, numa viagem diplomática pela Espanha, França e Alemanha. Paul Schroeder conseguiu embarcá-lo juntamente com 20 famílias de imigrantes, as quais há dias aguardavam transporte para a sua Colônia. O interessante é que pela primeira vez o Dr. Blumenau viajava da Corte para Itajaí em companhia de seus colonos.

— Blumenau, vais fazer uma viagem agradabilíssima. Consegui, no mesmo vapor que vais viajar, alojar as vinte famílias de imigrantes alemães que aguardavam condução para a tua Colônia.

— Excelente, Paul! É bom viajar com os meus colonos. Assim, Bertha Louise, desde a sua primeira viagem para a nossa Colônia, vai tendo contato com os colonos, que, de agora em diante, serão seus companheiros para toda a vida, já que casou com um colonizador.

Paul havia combinado com o líder dos imigrantes, que eles deveriam chegar antes do embarque do Dr. Blumenau, para esperá-lo já no vapor, quando seriam todos apresentados a ele, à sua senhora e ao filhinho.

O navio de classe mista era de uma companhia de navegação hamburguesa da qual Paul era agente para todo o Brasil. E tinha o nome de "Bismarck".

— Você sabe Blumenau, qual é o nome do navio?

— Claro que não.

— É "Bismarck", Blumenau! — Sorrindo, Paul brincou — Veja o que é o destino: ele tão inimigo da emigração alemã e está conduzindo os teus imigrantes!

— Paul, até que esta coincidência é a mais interessante ironia do destino. Intimamente fico contente. Tenho a impressão que vamos fazer uma excelente viagem e muito divertida. A que horas é o embarque, Paul?

— Amanhã às 8 horas da manhã. Vocês devem estar a bordo às 7.

O Dr. Blumenau já tinha consigo a relação que Paul lhe fornecera, dos imigrantes com os seus nomes, idades, estado civil e profissões.

Bertha Louise estava curiosa e satisfeita por poder viajar com os colonos de quem tão bem lhe falara o marido. E assim chegaram a

bordo do "Bismarck", naquela manhã, logo depois dos imigrantes que, no tombadilho, batiam palmas ao Dr. Blumenau que com o filhinho nos braços e segurando o braço da esposa, subia a escada do navio, alegre e sorridente, com a festiva recepção a bordo do "Bismarck".

Fez questão de cumprimentar, um por um, e perguntar-lhes os nomes e a profissão.

Depois da recepção, no camarote, Bertha Louise perguntou-lhes, curiosa:

— Por que, Blumenau, tantas palmas?

— Não sei, deve ser coisa de Paul, ou espontaneidade dos imigrantes, uma vez que eu sou o colonizador e responsável por sua vinda para o Brasil. O que te posso garantir, Bertha, é que nada sabia da manifestação, que, confesso, bastante me agradou.

— E a mim também, porque vejo que és querido e respeitado, Blumenau!

O destino do "Bismarck" era o porto de Itajaí, com escalas em Santos, Paranaguá e São Francisco. E a sua chegada em Itajaí estava prevista para o dia 22 de novembro. Corria o ano de 1869.

Depois de uma viagem calma e divertida, chegaram a Itajaí às 10 horas da manhã do dia marcado para a sua chegada. Como sempre, o trapiche do Major Agostinho estava repleto de curiosos. Era um domingo.

O Dr. Blumenau, Bertha Louise e Pedro Hermann, estavam entre os imigrantes, no tombadilho, quando um grupo de jovens imigrantes, no trapiche, prorrompeu aos gritos: "Dr. Blumenau! Viva o Dr. Blumenau!"

Ele, surpreso e perplexo:

— Mas... o que será, por que esta manifestação, se ninguém sabia da minha chegada?

— Não sei, meu querido, mas o fato é que em cada porto temos tido a surpresa de uma manifestação — disse-lhe, sorrindo, sua esposa. — Será que tudo isto não foi preparado para me impressionar?

— Bertha, pelo amor de Deus! Eu vou saber de tudo o que está acontecendo e você verá que estou alheio a tudo isso.

— Eu estou brincando, Blumenau; e até me divertindo com esta chegada tão festiva, a exemplo do nosso embarque na Corte.

— Eu vou saber porque aqueles rapazes, em traje domingueiro, estão fazendo essa manifestação no trapiche. Você vai ver Bertha, se alguma coisa existe eles terão de se justificar! Estranho é que entre eles não vejo nem o Reinhold, nem o Vitor, meus sobrinhos.

— Eles estão assim vestidos porque hoje é domingo, meu querido!

— E, lá isto é verdade!

II

Quando o Dr. Blumenau, em 1860, na sua primeira reunião como Diretor da Colônia, reclamou que havia muitos jovens solteiros e

era preciso incrementar os casamentos para aumentar a população nativa, os rapazes resolveram atender ao seu apelo e concordaram em casar. Mas na Colônia não havia ainda moças solteiras e na vizinhança era difícil a locomoção.

Acontece porém, que a administração da Colônia recebia, com muita antecedência, a relação dos novos imigrantes a chegar. Eles resolveram, então, que todas as vezes que estavam para chegar imigrantes, as listas seriam examinadas e que os nomes de todas as moças solteiras, em idade casadeira, seriam escritos num papelzinho, dobrado e colocado numa caixinha e numa outra, os nomes dos rapazes solteiros da Colônia.

Tirava-se da caixinha o nome da moça e da outra o nome do rapaz, que formavam assim um par apto para a conquista.

Tudo porém, era feito em absoluto sigilo e sob o juramento de não se revelar a ninguém o sorteio nem mesmo à eleita, só podendo ser revelado caso desse certo o casamento, dois anos depois de casados. Mas o casal continuaria mantendo o mesmo segredo, o que era uma questão de honra entre os colonos.

Os sorteados constituiriam a comissão de recepção dos imigrantes a chegar nos portos de São Francisco, Desterro ou Itajaí, e viajariam por sua conta. E era então, na chegada dos imigrantes, com a lista que eles tinham na mão, feita a chamada individual. Eles pediam que cada nome chamado respondesse com a palavra "presente". Era esta a ocasião em que os rapazes iam conhecendo as suas eleitas, tudo feito com absoluta discrição. Quanto à conquista, era trabalho pessoal de cada um. Se, porém, não houvesse interesse do sorteado pela moça, ela seria liberada e qualquer um podia conquistá-la. Isso já vinha sendo feito há muito tempo e muitos casamentos foram assim realizados.

Naquela viagem, vinham oito moças solteiras, em idade de casamento. Lá no trapiche estavam os oito rapazes que receberam o Dr. Blumenau com tanta festa. É que eles, vendo o colonizador, não tiveram outro jeito senão mostrar a sua alegria pela surpresa da chegada do Dr. Blumenau e sua família, pois todos já sabiam do casamento do colonizador.

No trapiche, enquanto o navio manobrava para atracar, os rapazes combinaram que o seu líder subiria a bordo para pedir a autorização ao Dr. Blumenau para continuarem com o seu plano, já que o tinham de Hermann Wendeburg, o substituto do Dr. Blumenau e o único na Colônia que conhecia o plano e dera plena autorização para executá-lo.

Quando o Dr. Blumenau soube, achou extraordinário e deu sua plena autorização de levarem avante o plano, "sui generis", do casamento dos rapazes. Em segredo, contou à Bertha Louise o ocorrido, dando gostosa gargalhada, pois achou genial a idéia dos jovens. Em pouco os imigrantes, reunidos, foram apresentados à "Comissão de Recepção". E a lista dos imigrantes começou a ser lida, mas o Dr. Blumenau perguntou ao líder qual era o nome da sua sorteada, ele dis-

se que era "Martha". O Dr. Blumenau soprou, sigilosamente, para a esposa e eles ficaram torcendo para ver quem era "Martha".

Antes, porém, o Dr. Blumenau virou-se para a esposa e disse-lhe:

— Como acabas de ver, minha querida, toda a manifestação dos rapazes teve um alvo que não era a minha pessoa.

— É muito engenhoso o plano deles, Blumenau! Vamos ver como é a tal Martha.

O líder continuava lendo e os presentes respondendo até que finalmente, nervoso, olhar curioso, disse para os colonos: "Martha Schmidt".

E uma voz meiga e delicada, respondeu: "presente"!

Ele, discretamente, sorriu feliz, seus olhos brilhavam. Ela era jovem, não mais de 17 anos, corpo esguio de bailarina clássica, duas lindas e longas traças de cabelos louros caíam-lhe em seu colo. Cobrindo discretamente os seios pequeninos, indo um pouquinho além da sua cinturinha, fina e elegante, um sorriso que mostrava lindos dentes alvos e perfeitos, numa boca de lábios carnudos e sensuais. Em seu rosto claro e corado, se viam dois lindos olhos verdes, tão verdes, como o mar em que dantes haviam navegado. Ela, para ele, era quase divina.

O Dr. Blumenau e Bertha Louise, pensaram juntos, no silêncio que o segredo escondia: "Que rapaz de sorte!".

Bertha Louise soprou aos ouvidos do marido, carinhosamente:

— Blumenau, daqui a pouco os jovens estarão dizendo para as suas eleitas: "Você acredita em amor à primeira vista?" E as jovens, meigamente, responderão, acanhadas: "Acredito sim"!

— Você, até, minha querida, que tem muita prática de cupido, hein?

Você se lembra, Blumenau, no dia que entraste na loja de papai e pediste para ver o telescópio e, eu ao te mostrar, você me disse baixinho: "jovem, você acredita em amor à primeira vista?" Eu fiquei confusa e você continuou: "Jovem, eu não sou astrônomo coisa nenhuma, passei por aqui e olhando a vitrina a vi, me impressionei de tal maneira que resolvi entrar e te dizer que me apaixonei por ti à primeira vista. Crê, jovem, na minha sinceridade". Eu, tímida, respondi: "Mas assim de surpresa não posso te dizer nada, estou confusa", e você insistindo: — "Pense, pense e amanhã voltarei. Quero te informar que sou colonizador no Brasil, na Província de Santa Catarina. É para lá que iremos, depois de casados".

No dia seguinte você voltou e três meses depois, estávamos casados. E agora, dois anos depois, estamos indo para a tua Colônia.

— É minha querida, foi tudo um sonho maravilhoso que se transformou na mais sublime e linda realidade!

— Pois, Blumenau, é este mesmo sonho que eu desejo para esses jovens que hoje nos recepcionaram com tanta alegria e satisfação, que cada moça sorteada seja amanhã a sua eleita do coração, num "amor à primeira vista", como foi o nosso.

III

Ângelo Dias muito esperto e vivo, já tinha organizado o transporte entre Itajaí e a Colônia, não só com canoas para transportar o pessoal, como um grande lanchão de fundo chato, bem equipado, para a condução dos colonos, suas bagagens e carga, com relativo conforto.

Três de seus filhos mais velhos, eram remadores como o pai, que ultimamente, depois de uma cirrose que quase liquidou com seu fígado, passou apenas a dirigir o grande leme do lanchão. Não bebia mais.

Como naquela viagem o número de passageiros excedia-se a 150 pessoas, Ângelo quis saber do Dr. Blumenau:

— Dr. Blumenau, o Sr. quer ir no lanchão ou numa canoa especial, com a sua família?

— Não, vamos todos juntos no lanchão. É mais confortável!

— Vou botá oito remadores nos varejões, numas 10 ou 12 horas, sem pará, nós chegamos lá, se Deus quiser. Precisamos é mandá prepará comida pra viagem. Umas 60 galinhas assadas com farofa e arroz, e uns trinta pão de casa pro jantá, dá pra todo mundo, Dr. Blumenau!

— Então, Ângelo, providencie tudo com Júnior, logo.

Tudo tinha sido providenciado e quando Ângelo voltou, o Dr. Blumenau perguntou ao seu primeiro guia:

— Vem cá, Ângelo, quero te apresentar a minha senhora e o meu filho!

— Pois muito prazer, dona, em lhe conhecê. Inté que o Dr. Blumenau teve bom gosto na escolha. E o garoto, como é o seu nome?

— Pedro Hermann Blumenau!

— Ué! Pe...dro? Mas, esse nome não é nome de alemão, Dr. Blumenau?

— É o nome de Dom Pedro II, nosso Imperador, Ângelo!

— Já vi tudo, seu doutô: punhô o nome do seu amigo! Tá certo, muito certo e inté muito bonito, seu doutô! Meus parabéns, pra dona e o senhor!

— Quantos filhos o senhor tem, sr. Ângelo? — perguntou, curiosa, Bertha Louise.

— Ao todo, doze! Mais vivo, só nove, sendo seis home e três mulhé, todas de menor. Dos home, três são casados e já tenho oito netinho, dona!

— Bonita família de muitos filhos, seu Ângelo!

— Seu doutô, inté que a dona já vai arranhando a nossa lingua, inté que bem, hein?

— Bertha, Ângelo é o maior "professor de mimica" da lingua portuguesa.

— Então, Dr. Blumenau, tudo pronto para amanhã, às cinco da manhã!

— Muito bem, Ângelo. As cinco horas. Fale com o chefe dos imigrantes, para que todos estejam prontos na hora marcada.

— A negrada, na cozinha, vai trabalhar assando galinha até o amanhecê, seu doutô. Vamos intê levá galinha ainda quentinha! Boa noite pra todos.

IV

A Sociedade de Atiradores, fundada em 2 de dezembro de 1859, dia do aniversário de Dom Pedro II, completaria 10 anos no dia 2 de dezembro próximo. Está programada uma grande festa e o Dr. Blumenau, em correspondência para Hermann Wendenburg, dizia que ia fazer tudo para estar de volta antes daquela data. Portanto, no programa estava uma homenagem ao regresso do colonizador, aguardado de há muito por todos, depois de sua demorada e longa viagem à Europa, em missão do Governo e sentimental, com a realização de seu tão esperado casamento.

A sua chegada à Colônia, ao anoitecer do dia 23 de novembro, uma semana e pouco antes da grande festa, não tinha ninguém à sua espera e da família. E isto porque não havia notícias da sua chegada. Apenas Reinhold estava no porto, porque viu a chegada do lanchão de Ângelo e isto sempre significava a vinda de novos colonos.

Depois de olhar bem, já quase escuro, viu que no lanchão vinham muitos passageiros. Correu para o sino do porto e tocou, anunciando a chegada de novos colonos e em pouco, no alto do barranco do rio, muita gente esperava o lanchão atracar.

Quando viram o Dr. Blumenau descendo com uma criança aos braços e segurando firme o braço de sua esposa, radiantes, bateram palmas e gritaram alegres: “Dr. Blumenau”, “Viva o Dr. Blumenau e sua família”. Que sejam bem-vindos à nossa Colônia”, “Viva, Pai Blumenau”!

Depois de muitos cumprimentos, apresentações e abraços, Reinhold levou o casal e filhinho para a modesta casa de dois cômodos, que ele encomendara ao seu sobrinho para alugar.

A subida do barranco do rio foi acompanhada por muitos colonos que faziam questão de carregar as suas malas. Assim foram até à casa, onde, depois de uma hora, Hermann Wendenburg, senhora e seus três filhos, um da idade de Pedro Hermann, chegaram, apresentaram-se e foram para o jantar, em sua residência:

— Dr. Blumenau — dizia satisfeito e entusiasmado, Wendenburg —. Aqui estamos para levá-los a jantar em nossa casa. E virando-se, sorridente, para Bertha Louise: Cristien, minha senhora, dona Bertha, colocou mais água no feijão, que é o prato preferido do seu marido e a comida vai dar para todos!

Bertha Louise, comovida com a recepção carinhosa de todos os colonos e as saudades dos seus tão distantes, não pôde conter as lágrimas e chorou, num desabafo nervoso. O Dr. Blumenau, carinhosamente, a abraçou, dizendo:

— São as saudades de casa, de seus pais e irmãos, e emoção do

carinhão que ela tem recebido de vocês. Chora, querida, que os seus nervos se acalmarão! Chora à vontade, minha querida, chora!

Mais calma, Bertha Louise rapidamente se preparou para o seu primeiro jantar na Colônia.

Em pouco, os dois casais, lanternas acesas nas mãos, cheirando a óleo de baleia, seguiam iluminando o caminho, na escuridão da noite quente de novembro. Bertha Louise, segurando firme o braço do marido, ia silenciosa e nervosa, quando este acalmou-a:

— Estamos quase chegando, minha querida. Você está se segurando com tanta força que eu sinto o seu coração bater de encontro ao meu braço. E, gracejando, perguntou, carinhosamente: — Será que tudo isto é medo, querida?

Ela sorriu, sem falar.

— Pronto. Estamos em casa. — Disse Wendenburg, entrando as pressas para acender o lampião da sala.

(Continua no próximo número)

Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que o primeiro número do jornal "A NAÇÃO", fundado por Honorato Tomelin, apareceu no dia 29 de maio de 1943?

... que a 21 de setembro de 1924, apareceu o primeiro número do jornal "A CIDADE", fundado por iniciativa de José Ferreira da Silva juntamente com o escritor João Otaviano Ramos?

... que em 2 de agosto de 1933 houve a fusão do mesmo jornal "A CIDADE" com o jornal "Correio de Blumenau" anteriormente fundado por J. Ferreira da Silva com Geysa de Boscoli, surgindo dessa fusão o jornal "CIDADE DE BLUMENAU", sob a direção de Aquilles Balsini?

... que este jornal, contando nos 38 anos de sua existência e assinalados serviços prestados a Blumenau, com a colaboração de destacados jornalistas, como Israel J. Costa, Dr. Affonso Balsini, Frederico Carlos Allende, Mauricio Xavier e outros, deixou de aparecer em dezembro de 1962?

... que em 21 de setembro de 1922, apareceu em Gaspar um semanário de propriedade de Albano Pereira da Costa que o redatoriu até o ano de 1930, quando cessou sua publicação?

... que em decorrência da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em outubro de 1917, o jornal "Blumenauer Zeitung" foi substituído a partir de 1º de novembro pela "Gazeta Blumenauense", redigida totalmente em português e o "Der Urwaldsbote" foi substituído pelo jornal "Comercio de Blumenau", também redigido em vernáculo?

Nossos imortais catarinenses

Mais dois catarinenses alçados à imortalidade: Antônio Carlos Konder Reis (o ex-governador) e o poeta e presidente da Associação Catarinense de Escritores, Pinheiro Neto. Quanto a este último nada a acrescentar. Concorreu sozinho à cadeira nº 24 e brevemente será empossado. Quanto a Antônio Carlos, que disputou a vaga deixada por Luiz Gallotti (cadeira nº 22) sabíamos que era advogado, museólogo, emérito orador e respeitável político e autor de alguns trabalhos técnicos. E por isso mesmo perguntamos: serão estes os quesitos exigidos pela Academia Catarinense de Letras para a admissão de seus postulantes?

Jamais ouvimos falar em algumas ou mesmo alguma obra literária publicada pelo ex-governador Antônio Carlos. Quanto ao outro candidato, o escritor, jornalista e promotor público Enéas Athanázio, sabemos ser autor de mais de uma dezena de obras distribuídas nas áreas da ficção, da crítica literária, do ensaio biográfico e da jurisprudência.

Resultado da apuração dos votos: 23 para o ex-governador, 11 para o escritor Enéas Athanázio.

Depois da publicação da nota acima, e de mais três outras no "Jornal de Santa Catarina", sempre indagando à Academia quais as razões ou critérios obedecidos na escolha do ex-governador, ouvimos, no dia 8 deste mês, na entrevista que o presidente da Academia Catarinense de Letras concedeu ao jornalista Moacir Pereira no Jornal do Almoço (TV Coligadas), a tão esperada explicação: "Prestígio Comunitário".

Agora sim o postulante derrotado, o escritor e promotor público Enéas Athanázio, "está no mato sem cachorro", usando uma de suas expressões. Se queriam homenagear o ex-governador por que não seguiram o exemplo da sua congênere nacional que outorgou ao atual governador Jorge Bornhausen a Medalha Machado de Assis conferida pela unanimidade dos imortais pelo apoio dado à cultura? Fazer o que fizeram com o escritor EA, no dizer do acadêmico Nereu Corrêa "Um escritor que surge ("Meu Chão") na plenitude dos seus recursos, assinando alguns contos que podem figurar entre os melhores da ficção regionalista já produzidos no Brasil", no mínimo magoaram-no.

Tornamos a repetir: É assim que querem dar força e expressão à cultura catarinense? Em especial a literária?

Vilson do Nascimento

N. da R. — A propósito, lembramos que, em meados de 1981, muito antes das eleições ocorridas na ACL, a Fundação "Casa Dr. Flumenau", em ofício enviado àquela instituição literária catarinense, indicou o nome do escritor Enéas Athanázio para figurar entre os candidatos a uma das vagas existentes.

Rodovia Eng. Emilio Odebrecht

José Gonçalves

Em meados do ano passado, o jornal "A Folha de Blumenau" publicou um artigo em que o autor destas linhas lançava a idéia de que fosse dada, à Rodovia BR-470, que liga Blumenau a Curitiba e Campos Novos, a denominação de "Rodovia Eng.º Emilio Odebrecht", numa homenagem àquele saudoso colaborador do fundador da cidade, que teve e cumpriu missão importante, além de outras, a de fazer o traçado da primitiva rodovia que ligou Blumenau ao planalto serrano.

Hoje, "Blumenau em Cadernos" associa-se à idéia e traz alguns detalhes da notável trajetória da vida daquele exemplar brasileiro naturalizado, cujos melhores anos ele os deu à causa da colonização de nossa região, assim como cumpriu seu dever cívico em favor da pátria adotiva, lutando nas forças armadas brasileiras na guerra contra o Paraguai.

Emílio Odebrecht nasceu a 29 de março de 1835 em Jacobshagen, Pomerânia e veio para a Colônia Blumenau com 21 anos de idade, isto a 28 de dezembro de 1856, portanto somente seis anos após haver sido fundada a Colônia. Ele veio com o intuito de colonizar terras no Alto Itajaí, trazendo consigo dois outros companheiros. Como um destes afogou-se, o projeto não se concretizou. Por isso, Odebrecht retornou à Alemanha, afim de continuar seus estudos interrompidos com a vinda ao Brasil. Concluídos os estudos, colou grau de engenheiro na Universidade alemã, e, em 29 de dezembro de 1861, estava de volta a Blumenau, trazendo todo o entusiasmo pela obra que aqui realizava seu grande amigo, o Dr. Blumenau. Foi então por este encarregado da exploração e levantamento de vários rios, vales e caminhos. Em 1865, já naturalizado brasileiro ingressou no contingente dos Voluntários da Pátria, no posto de Tenente, para participar da guerra do Paraguai. Depois de participar de diversas batalhas, Emílio Odebrecht foi acometido de febre palustre, tendo então regressado em 1866 a Blumenau, para recuperar-se. Em 1867 foi nomeado agrimensor das terras da Colônia Príncipe Dom Pedro, em Brusque. Pouco depois, fez a exploração da Serra, cujo traçado por ele realizado, ligou Blumenau ao planalto, até Curitiba, estrada que permaneceu servindo de ligação até ser construída a BR-470 atual. Exerceu também, até 1881 as funções de ajudante do Diretor da Colônia Azambuja, Dr. Vieira Ferreira. Em 1881, entrou para o Telégrafo Nacional como Inspetor de 2ª Classe. Nessa qualidade empreendeu muitas viagens e construiu várias linhas telegráficas no Estado. Aposentou-se a seu pedido a 29 de março de 1897. Faleceu aos 79 anos de idade, repentinamente, nesta cidade, a 5 de janeiro de 1912, cujos restos mortais re-

pousam no Cemitério Evangélico local. Emilio Odebrecht foi ainda autor do mapa que organizou em parceria com J. Weiss, em 1906.

Eis aí um resumo da trajetória cumprida por Emilio Odebrecht, no trabalho em favor do desenvolvimento da colonização do Vale do Itajaí, incluindo-se o Itajaí-Mirim.

Hoje, passados tantos anos do falecimento do saudoso cidadão que deixou em Blumenau uma nobre descendência, cujos herdeiros de seu conceituado nome continuam a pertencer ao contingente dos que prosseguem no mesmo trabalho de aprimoramento dos costumes e das tradições de trabalho, ordem e eficiência que tão bem caracterizam a população blumenauense em geral, é justo que seu nome seja lembrado com todo o respeito e saudade. Ao mesmo tempo em que se presta homenagem das mais justas e merecidas a Emilio Odebrecht, dando seu nome a principal rodovia que liga o litoral ao planalto, presta-se, também, homenagem de reconhecimento aos seus descendentes que promoveram nas lideranças empresariais blumenauenses, seguindo o exemplo de seu antecessor.

Por isso tudo, fica aqui o apelo de "Blumenau em Cadernos" no sentido de que as representações populares blumenauenses — Câmara Municipal e seus vereadores — façam algo em favor da idéia, encaminhando ao Poder Executivo Estadual, assim como o Poder Legislativo, mensagem pedindo especial atenção para a sugestão.

Nada se perderá e muito se lucrará em dar, a BR-470, a denominação de "Rodovia Engenheiro Emilio Odebrecht", que muito fez para merecer esta homenagem e que nada pediu à sua terra adotiva, senão um lugar para o repouso de seu corpo cansado. Hoje somos nós que pedimos em seu favor, esperando que as gerações atuais de nossa antiga Colônia saibam fazer justiça a um homem que foi um dedicado colaborador do Dr. Blumenau e um grande amigo de Fritz Mueller.

Concurso é bem recebido

Como aconteceu com o concurso "Contistas de Blumenau", quando mais de cinquenta novos autores enviaram seus trabalhos, também para o concurso "Poetas de Blumenau" já começaram a chegar os primeiros poemas que participarão desta nova promoção organizada pela Fundação Casa Dr. Blumenau.

Se considerarmos que o encerramento do prazo para a entrega dos trabalhos está fixado para o dia 1º de março próximo, pode-se já antecipar o êxito da promoção.

Para os interessados em participar do concurso lembremos que a íntegra do regulamento foi publicada na edição de novembro/dezembro de 1981 de "Blumenau em Cadernos".

Nossos corais - ontem e hoje (IV)

Elly Herkenhoff

Mas — voltemos à feliz década de vinte, quando nada, nada ainda prenunciava a catástrofe que, desabando inicialmente sobre a Europa, terminaria, anos depois, arrastando quase toda a Humanidade para o caos.

Em 1922 temos, pois, além do nascimento da sociedade "Liederkrantz" (Grinalda de Canções), a fusão das cinco agremiações, formando a "Liga de Sociedades". E em fevereiro de 1923 surge a Sociedade de Canto "Feierstunde" (Hora Festiva), sediada à Estrada do Sul, e pouco depois, também na zona rural, a "Sängerslust" (Prazer do Cantor).

Cinco anos mais tarde, a 7 de fevereiro de 1928, é a vez de um "Doppelquartett" (Quarteto Duplo), sob o nome de "Männergesangverein Rutli" (Sociedade de Canto de Homens Rutli), que tem como fundadores um grupo de suíços, radicados em Joinville, conforme se verifica pelo nome "Rütli" — nome do prado situado na Suíça, célebre pelo "Juramento do Rütli", no século treze da História, uma conjuração que mais tarde daria origem à Confederação da Suíça.

Depois do "Rütli", nascem mais dois conjuntos, ambos na zona rural de Joinville. A 28 de outubro de 1928, a "Gesangverein Bananal" (Sociedade de Canto Bananal), sediada na localidade que hoje forma o município de Guaramirim, e a 23 de setembro de 1933 a "Walõesgruss" (Saudação da Floresta), sediada à Estrada do Sul.

É possível, é provável mesmo, que na relação acima apresentada, faltem alguns nomes de coros nascidos e desaparecidos ao longo dos anos. Na realidade, é impossível muitas vezes distinguir, na quase interminável lista de sociedades outrora existentes em Joinville, a rivalidade exata por exemplo da "Zur Frohen Stunde" (À Hora Alegre) e da "Einmütigkeit" (Unanimidade) e da "Für Uns Freunde" (Para nós Amigos) e da "Zur Guten Hoffnung" (À Boa Esperança) — e assim por diante...

A vida social — passadas as primeiras décadas difíceis da colonização de Dona Francisca — foi se intensificando e as sociedades cooperavam entre si, organizando festividades com a participação de várias agremiações, em aniversários de fundação ou comemorações de datas nacionais ou acontecimentos internacionais ou homenagens prestadas a visitantes ilustres ou espetáculos beneficentes.

A 17 de janeiro de 1936, Joinville teve o privilégio de assistir à estréia de uma ópera genuinamente joinvilense, a "Yara", de autoria do artista austriaco Pêpi Prantl, residente em Joinville. Os corais participantes foram o "Helvetia" e o "Sängerbund-Concordia" e o sucesso da apresentação foi estrondoso.

A 9 de outubro do mesmo ano, um incêndio, irrompido durante uma sessão de cinema, destruiu totalmente o prédio da "Liga de So-

tidades”. Não houve vítimas fatais, mas documentos e outros objetos insubstituíveis se perderam, além de todos os pertences do economista e de sua esposa, que se viram, de um momento para outro, em sérias dificuldades.

Em consequência do sinistro, as cinco agremiações foram obrigadas a realizar tanto os seus ensaios como as suas festas, nas dependências de outras sociedades, mas já no ano seguinte foi inaugurado o novo prédio da “Liga de Sociedades”, o prédio que até hoje abriga a sede da “Liga”, constituída a 2 de setembro de 1922. Assim, a “Sängerbund-Concordia” pôde comemorar o cinquentenário de fundação da “Concordia” com magnífica festa, durante os dias 13, 14 e 15 de novembro de 1937, nas modernas dependências do novo prédio, com a participação dos corais “Helvetia” e “Liederkrantz” de Joinville, bem como de vários grupos de outras cidades, sendo de Curitiba os corais da “Schweizerhilfsverein” (Sociedade Beneficente Suíça) e da Sociedade “Einigkeit” (União) e de Blumenau, os corais das sociedades “Frohsinn” (Alegría), “Concordia”, “Liederkrantz” (Grinalda de Canções), “Garcia I” e “Club Germania” e ainda os corais “Rio Negro” e “Hansa-Humboldt”. É de se concluir, pois, que o nosso “Kolonie-Zeitung” tinha razões de sobra para escrever, que nunca antes se tinha visto na Cidade tamanho movimento de visitantes e tão grande número de cantores em festa comemorativa de sociedade de Joinville. . .

Em 1938, antevéspera da II Guerra Mundial, teve início a Campanha de Nacionalização, decretada pelo Governo Getúlio Vargas e a grande maioria das sociedades então existentes em Joinville modificou seus estatutos e seu nome, sob orientação de oficiais do Exército, especialmente designados para a finalidade.

Existiam, então, as seguintes sociedades de canto em nosso Município:

“Helvetia”, a pioneira, fundada em 1856, “Sängerbund-Concordia”, fusão dos dois grandes corais, nascidos respectivamente em 1858 e 1887, “Frohsinn”, fundado nos primeiros anos da década de noventa, “Liederkrantz” em 1922, “Feierstunde”, em 1923, “Rütli”, em 1928. E possivelmente ainda atuavam também “Waldesgruss”, fundado em 1933 e “Sängerchor Pedreira” nos primeiros anos do século.

Além dessas sociedades de canto, existiam os corais de duas igrejas evangélicas, o “Evangelischer Kirchenchor”, da Igreja da Paz, fundado em 1892 e o “Evangelischer Kirchenchor Pedreira”, fundado em 1912.

Diante dos embaraços da adaptação às novas disposições e das dificuldades surgidas após o envolvimento do Brasil na Guerra Mundial, foram se extinguindo quase todas as agremiações de canto ou então transformando em sociedades recreativas, como a “Feierstunde” que, sob o nome de “Hora Feliz” ainda continuou atuando durante algum tempo, oferecendo reuniões e bailes aos seus associados.

Somente a Sociedade de Canto “Liederkrantz” conseguiu superar as dificuldades. Como única sociedade de canto em Joinville, ainda hoje existe, sob o nome de “Sociedade Lírica”. Após vários anos

de atividades puramente recreativas, ressurgiu como sociedade de canto em 1951, seis anos depois do fim da guerra. Reorganizado pelo regente Orlando Beyrstedt, o coral rapidamente progrediu, apresentando alguns anos depois um conjunto de 45 vozes. Com a mudança do regente Orlando Beyerstedt, o coral rapidamente progrediu, apresentando Kohlbach, mais tarde seguido pelos regentes Antônio Krüger, Jacob Schmickler, Percifal Seiffert e o regente Irmão Marista Rudi Neis.

Reiniciaram igualmente as suas atividades, depois de algum tempo de retraimento durante a guerra, os corais da Igreja da Paz e da Igreja de Pirabeiraba. O coral da Igreja da Paz conta entre os seus cantores, alguns com 30, 40 e 50 anos de participação. Atual regente Elfride Ehlert.

No decorrer dos últimos 30 anos, foram organizados corais nas diferentes paróquias da Comunidade Evangélica de Joinville, atualmente todos regidos por senhoras. Assim nasceu em 1948 o coral da Igreja da Estrada Dona Francisca km 19, que igualmente conta com um coral juvenil. Em 1950, o da Paróquia Cristo Bom Pastor, regente Janete Baechtold. Em 1964, o da Paróquia Cristo Redentor, regente Clarice Sellmer. Em 1969, o da Paróquia São Mateus, regente Gisela Schick. Em 1970, o da Paróquia dos Apóstolos, regente Karin Horst.

A 21 de janeiro de 1956 foi fundado o coral de homens da Catedral de Joinville, Paróquia São Francisco Xavier e a 12 de agosto de 1957 transformado em coral misto. Foi fundador do coral o seu atual regente Annibale Stolf. Outro coral bastante antigo é o Coral Santa Cecília, na Igreja Coração de Jesus, fundado pelo Padre Weicherding, atual regente Hermes Rauch. O coral da Igreja Imaculada Conceição — de adultos e crianças — tem como regente a Madre Amélia. A Igreja Santo Antônio conta com um Coral Infantil, fundado em 1977 e um Coral Misto, fundado a 8 de janeiro de 1979. Atual regente João Angelo Rosini.

Existem ainda corais em várias outras igrejas como Assembléia de Deus, com mais de 22 participantes, regente Rolando Gibin. Igreja do Evangelho Quadrangular, regente Dário Dreger. Igreja Presbiteriana, Igreja Santíssima Trindade, Igreja Cristo Ressuscitado, Igreja Adventista, e outras igrejas cristãs.

E, além desses muitos corais nas diversas igrejas de Joinville, temos atualmente vários conjuntos vocais, como o "Coral Tigre" composto de funcionários do Grupo Hansen e o "Coral Infantil" da Casa da Cultura, fundado em 1974 pela professora Juracy Brosig, e ainda o "Coral Universitário de Joinville", fundado a 23 de setembro de 1976, igualmente por iniciativa da professora Juracy Brosig, na época Diretora Geral da Fundação Educacional da Região de Joinville. O nome inicial "Coral da Furj", foi mudado, quando a diretoria do coral decidiu aceitar também participantes ligados a outras faculdades de Joinville. O coral já se apresentou em outras cidades e em 1977 participou de um concurso estadual patrocinado pelo Ministério de Educação e Cultura, através da "Funarte", obtendo a segunda colocação.

Os três corais acima — o “Coral Tigre”, o “Coral Infantil” da Casa da Cultura e o “Coral Universitário de Joinville” — são regidos pelo maestro Fernando Melara.

É de se concluir, pois, diante do número crescente de nossos corais, que o amor à canção — ontem como hoje, em plena Era da Televisão — continua vivo na alma do povo, eternamente aceso no coração da Mocidade de todas as épocas. E é essa Mocidade que o poeta joinvillense Ernesto Niemeyer, nascido em 1863, convoca em sua poesia — escrita em alemão — “Canta Mocidade!”, terminando a última estrofe com a seguinte exortação:

Cantai, oh cantai! É no canto,
que nossa alma se alteia à luz!
À luz que enobrece e enternece,
e à felicidade conduz!

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — IX

“Alfredo Carvalho”

S. C. Wahle

Um belo dia, no fim da década dos 20s, ao brincar em frente da Igreja Matriz de Blumenau, Percy João de Borba, o articulista e mais alguns meninos da mesma idade, aparece, subindo a grande escadaria, um carro preto, Chevrolet pavão, dirigido por Alfredo Carvalho. Deu a volta à igreja e tornou a descer aos trancos e solavancos. Dirigiu-se ao então Hotel Gross, onde Alfredo Carvalho juntou-se a um grupo, sendo efusivamente cumprimentado.

Alfredo Carvalho foi um garoto criado por um ex-prefeito de Blumenau, Paulo Zimmermann, como um filho. Acabou tornando-se mecânico e abriu uma oficina mecânica na Alameda Rio Branco. Frequentava as reuniões semanais no antigo Hotel Gross, dos industriais e figuras importantes de Blumenau. Alfredo Carvalho, por seu gênio prestativo, coragem invulgar e perfeito domínio das línguas portuguesa e alemã, tornara-se uma figura lendária para os garotos de Blumenau.

A subida da escadaria da Igreja Matriz já fora tentada antes por diversas vezes, sendo um por um motorista especialmente contratado pela firma Roberto Gorssenbacher, que na época representava os carros Studebaker. Nesta ocasião, foi tentado, com bastante promoção prévia, porém sem resultado. Esta experiência fora feita com certa cerimônia, com motorista trajado para o evento, abanando aos transeuntes, porém não ultrapassando uma dúzia de degraus. Houve até uma pequena distribuição de refrigerantes.

Outros também tentaram, porém sem resultado ou sorte. Nestas condições, Alfredo Carvalho foi o único que tentou e subiu sem problemas as escadarias. Diziam na época que grandes apostas estavam em jogo, porém nunca se soube se isto era verdade e, se o fora, de que contavam as apostas.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Artigo publicado no dia 22 de abril de 1871, de autor anônimo, que assina P.

SAMBAQUIS — I

Este nome tupi designa no Brasil os acúmulos de conchas encontrados freqüentemente em nosso Litoral.

Na região de São Francisco do Sul existem muitos sambaquis e de seu material se fabrica toda a cal exportada, assim como a consumida aqui. Especialmente o município de Joinville conta com nada menos de 10 montões, compostos, quase exclusivamente, de conchas próprias para a cal e que se encontram em plena exploração. Três sambaquis estão situados na beira da Lagoa Saguauçu, dois na margem do Rio Velho, um na margem de cada um dos rios seguintes: Iririú, Riacho, Bupeva, Cubatãozinho e Cachoeira. Ainda existem aqui e ali, alguns de dimensões menores, mas tão misturados com areia, que a sua exploração comercial não é compensadora. É possível existirem alguns montões de conchas ainda desconhecidos, cobertos de mata, talvez ao sul da Lagoa Bonita. O maior destes sambaquis se localiza na margem do Rio Velho, ocupando a área de alguns morgos (1 morgo - 2.500 metros quadrados) é circular e tem 70 a 80 pés de altura. Todos os montões de conchas estão situados a certa distância do mar, porém sempre ainda ao alcance da maré, geralmente na curva de um rio e quase sempre protegidos em seu lado frontal por água profunda e na retaguarda por algum brejo. O seu subsolo, de modo geral, é rochoso ou saibroso, no entanto são encontrados também, às vezes, em terra preta pantanosa.

O sambaqui do Cachoeira, situado no assim chamado "Schroeders Golldberg" (Morro de Ouro do Schroeder), foi formado na elevação que se inicia à margem do rio, em ângulo obtuso e constitui, por assim dizer, o prolongamento do morro, estendendo-se até o pantano.

(Continua)

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

